

como modelo acabado para explicar as transformações pelas quais o país vem passando, porque não é a intenção do referido autor produzir axiomas que se encaixem em todas as realidades mas, ao contrário, induzir o leitor a refletir além das idéias predominantes no mundo acadêmico e na mídia em geral.

ANO 501: A CONQUISTA CONTINUA.

CHOMSKY, Noam. São Paulo: Editora Scritta, 1993, (438 páginas).

*Claudinei Lourenço**

Qual a nossa reação diante das reiteradas cenas de barbárie que presenciamos em nosso cotidiano, seja através da *telinha*, seja ao vivo e em cores? Como reagimos diante de cenas de crianças desnutridas, de idosos em condições aterradoras, de estadistas se organizando para perpetuar privilégios? A resposta a essa interpelação deve ser buscada em cada um de nós a todo momento, pois pensamos a partir disso, as condições de vida do ser humano, que por sua vez, nos remete para a busca daquilo que entendemos devesse constituir a nossa vida, ou em outras palavras: qual seria o sentido da nossa moderna existência, presidida por uma lógica que a todo momento nos destitui de qualquer ambição?

Parecendo responder a isso, Noam **Chomsky** apresenta um amplo painel de denúncias, históricas e contemporâneas, resgatando o engajamento, com todos os seus riscos, na defesa da liberdade do indivíduo e de suas culturas.

Em seu início, para ser mais preciso, já na capa, o livro de **Chomsky** abre para uma interessante indagação. O título do livro, **Ano 501: A Conquista Contínua** poderia ser lido de outra forma, isto é, a conquista contínua. Entre as duas opções mantém-se a idéia central dessa obra, ou seja, o processo de expansão capitalista europeu, um processo de conquista, atingindo o mundo em toda a sua dimensão.

Chomsky, talvez mais conhecido pelos seus trabalhos sobre linguística, aparece nesses últimos anos como um intelectual de atuação contestatória do *establishment* norte-americano, com uma obra deiversificada e de grande poder de fogo contra a

* Mestre em Geografia pelo Departamento de Geografia da FFLCH/USP; Professor do ensino técnico de segundo grau (Centro "Paula Souza") e do terceiro grau (Departamento de Geografia da UNICSUL e do CCHS da UNISA).

prepotência e violência do poder, seja este qual rosto adquira. O trabalho em questão, composto por diversos artigos estão construídos numa linguagem panorâmica, quase jornalística, repleta de informações bibliográficas e, portanto, adequada à divulgação da profunda indignação que permeia os textos. A tônica de uma crítica moral em relação ao poder aparece reiteradamente e só é ao leitor, um convite a se indignar também, frente à barbárie do poder constituído. Não se trata, portanto, de uma análise "fria e objetiva" de fatos e processos, fique o futuro leitor avisado, mas de uma inquietante e rica obra de combate.

Esse combate dirige-se contra as formas de opressão do ser humano existentes contemporaneamente e também aquelas que fundaram o processo de "europeização do mundo". Quanto a esse segundo aspecto, são retomadas as práticas de extermínio adotadas contra os povos que viviam nos territórios invadidos pelos europeus, responsáveis de fato, pelo desaparecimento não só de indivíduos, mas de culturas inteiras e, portanto, de conhecimentos e modos de vida diversos, que não poderão ser jamais resgatados. Nesse sentido, a prática européia de ocupação da "América" representa um horror com consequências que superam a do holocausto, que por mais grave e deprimente, não chegou a suprimir a existência de um povo e sua cultura.

"A conquista do Novo Mundo precipitou duas grandes catástrofes demográficas sem paralelo na história: a virtual destruição da população indígena no hemisfério Ocidental e a devastação da África à medida que o comércio de escravos rapidamente se expandia para atender às necessidades dos conquistadores e o próprio continente era subjugado" (p.14).

Mas se esse é o início da discussão, a mesma não se torna o ponto nodal do trabalho. O cavalo de batalha de **Chomsky** é o da divergência com o capitalismo e seu centro de gravidade, os Estados Unidos da América. O autor coloca os EUA como o herdeiro e condutor das práticas de pilhagem dos europeus, só que agora travestido dos ideais democráticos, a ser imposta ao mundo.

"Idéias como democracia e mercado são muito boas desde que a inclinação do campo garanta que o jogo será ganho pelas pessoas certas. Se a ralé tentar levantar a cabeça é preciso de algum modo fazê-la submeter: no Terceiro Mundo a violência cabal é suficiente. Quando as forças do mercado atrapalham o

privilégio das sociedades ricas o livre comércio vai logo para os ares" (p.147).

A tônica da obra, adquire, então, a característica de um confronto épico. **Chomsky** demonstra, a partir de evidências jornalísticas ou baseando-se em documentos do governo norte-americano, como os Estados Unidos da América patrulham e agem no mundo no sentido da conquista e da pilhagem, utilizando-se dos artificios mais reprováveis, segundo, é claro, uma ética fundada na cooperação e amizade.

Dos relatos presentes nessa obra, qualquer um poderia ser tomado como exemplo dessa prática terrorista de Estado. Veja-se o caso do Chile na época do governo socialista de Salvador Allende.

"A linha dura exigia um golpe militar, finalmente realizado. A linha branda foi exposta pelo embaixador Edward Korry, um liberal do grupo de Kennedy: 'fazer tudo que estiver ao nosso alcance para condenar o Chile e os chilenos à extrema privação e pobreza', uma política planejada para um período longo e que resultará na precipitação dos traços adversos de uma sociedade comunista no Chile" (p.57-8).

Esse seria o caráter da política norte-americana na defesa de seu *way of life*, ou seja, a ingerência violenta, em todos os sentidos, sobre os povos e sobre os indivíduos.

"A investida profundamente antidemocrática da política dos Estados Unidos no Terceiro Mundo, com o recorrente recurso ao terror para eliminar 'a participação política da maioria numérica', é facilmente compreensível. Ela é uma decorrência imediata da oposição ao 'nacionalismo econômico', para o qual evoluem com muita frequência as pressões e a organização populares" (p.54).

Dentro de sua visão panorâmica, cabe também, um olhar ao Brasil, nomeado historicamente pelos estadistas americanos como "o colosso do sul" e merecendo por isso, uma atenção especial na geopolítica norte-americana para a América Latina. As inúmeras potencialidades do território brasileiro são monitoradas pelos norte-americanos, desde o século passado, reiteradas, ainda mais, no presente. **Chomsky** relata os bastidores da ação norte-americana no Brasil, principalmente durante o golpe militar de 64 e nos seus desdobramentos, por exemplo nas eleições de 1989:

"Um grande suspiro de alívio acompanhou a vitória em 1989 do atraente representante da elite brasileira,

Fernando Collor de Mello, numa eleição em que as diferenças entre os dois candidatos podiam ser detectadas sem microscópio, sendo o outro, o líder sindical Luis Inácio 'Lula' da Silva. Com 'o campo aplainado' graças aos imensos recursos financeiros e às claras advertências dos proprietários do país de que levariam o Brasil à falência se o resultado das eleições fosse errado, Collor saiu vitorioso" (p.266).

Apesar de seu tom claramente anti-americano, **Chomsky** não se caracteriza pelo alinhamento ao socialismo de Estado, mas coloca a ex-URSS também no plano das potências espoliadoras do nosso século, reiterando que a busca dos ideias socialistas, ainda, estão por ser realizados:

"Um exemplo notável é a idéia equivocada de que a guerra fria foi uma luta entre o socialismo e o capitalismo. A União Soviética, desde 1917, esteve até mais longe do socialismo que os Estados Unidos e seus aliados estiveram do capitalismo, mas, mais de uma vez os dois maiores sistemas de propaganda tiveram um duradouro interesse em afirmar o contrário: o Ocidente para difamar o socialismo associando-o à tirania leninista e a URSS para ganhar pretígio possível associando-se aos ideais socialistas - ideais cuja força era poderosa e de grande amplitude" (p.113-4).

O amplo leque de interesses que marca o trabalho de **Chomsky**, marcado pela crítica ao poder, é reiterado também, na análise de questões atuais como as dos desdobramentos da ECO-92 em torno do patenteamento genético colocado no turbilhão da globalização.

"Enquanto os Estados Unidos procuram garantir o futuro controle monopolístico (...) as companhias de remédios por eles protegidas, estão explorando entusiasticamente o conhecimento acumulado das culturas nativas sobre os produtos que a cada ano geram cerca de 100 bilhões de dólares de lucro, oferecendo quase nada em troca aos nativos que introduziram os pesquisadores no conhecimento dos remédios, sementes e outros produtos por eles desenvolvidos e refinados ao longo de milhares de anos" (p.170).

E conclui:

"Só o conhecimento dos ricos e poderosos merece proteção" (p.170).

Ler essa obra é, portanto, ver os últimos 500 anos de formação do mundo ocidental pelos olhos atentos de um intelectual preocupado, antes de mais nada, com o devir do ser humano. Mesmo reconhecendo os limites de um trabalho panorâmico que promove o choque de uma moral contra uma lógica, pensamos que o amplo espaço da indignação deva ser ocupado pelo pensamento e pela ação que se recusa a ver o mundo com olhos de máquina.